

Sarney: dissidência é normal

Das sucursais

"Nessa fase de sua estruturação e de transição política do País, é natural que os ajustes sejam difíceis", afirmou ontem em Brasília o presidente do PDS, senador José Sarney, a propósito dos desfalques que sua agremiação vem sofrendo nos últimos tempos.

Ele acenou, porém, com outras razões de otimismo: "Nosso partido tem o programa mais moderno e mais divulgado em todo o País e é majoritário. Não vamos perder esta condição".

Sarney anunciou que após o trabalho de organização partidária, vai partir para "uma ação política muito mais ampla".

Sarney exaltou a "função pioneira" do PDS: "Não existe democracia sem partidos e sem partidos fortes. Por isto, nos empenhamos na estruturação do PDS. Devemos chegar, no final do ano, em condições de requerer registro definitivo à Justiça Eleitoral, levando os outros a nos imitar. Este é o grande serviço que o PDS presta à democracia".

Ele anunciou a disposição de convocar a imprensa, no início da semana, para anunciar a programação da convenção nacional do PDS, a se realizar dias 29 e 30 em Brasília, no Centro de Convenções.

PDS FLUMINENSE

O deputado estadual Ítalo Bruno, pedessista dissidente, advertiu no Rio sobre o risco de se estarem criando, no PDS fluminense, condições capazes de transformar o Estado em "novo Mato Grosso do Sul". Junto com Wilmar Pallis e Júlio Louzada, ele rompeu, há cerca de dois meses, com a direção do partido,

acusando-a de desprestigiar os deputados estaduais em favor dos federais, e de facilitar a estes o acesso a seus redutos eleitorais.

"O governo vai reconhecer, mais cedo ou mais tarde, que cometeu um grave equívoco ao entregar a presidência do PDS ao senador Amaral Peixoto, um político completamente defasado, e que só está apressando a desagregação do partido ao estimular um comando paralelo, exercido por Amaral e pelo médico Guilherme Romano" — protestou Ítalo Bruno.

Para ele, o PDS do Estado do Rio, a persistirem os métodos adotados pelos dirigentes pedessistas, estará em pouco tempo enfrentando uma crise de proporções quase idênticas às de Mato Grosso do Sul: "há muita gente descontente com estes métodos no partido, inclusive deputados federais, e não me surpreenderei se houver uma debandada, agravando ainda mais os problemas políticos do governo".

Ao contrário do que foi noticiado no decorrer da semana, nem ele nem seus outros dois colegas se fillaram ainda a outros partidos. Ítalo Bruno, Wilmar Pallis e Júlio Louzada obtiveram cerca de 85 mil votos nas últimas eleições, concorrendo pela extinta Arena, e entendem que devem permanecer juntos, para assegurar uma posição de força, nas negociações com o PDS.

Embora os três continuem a receber convites de outros partidos, desde quarta-feira foi aberto novo canal de entendimentos entre eles e a direção do PDS por intermédio do senador Hugo Ramos Filho, que se comprometeu a levá-los, já na próxima semana, ao presidente Figueiredo, para definirem de uma vez, o destino de cada um.